

Entre a rota do Oriente e a medicina tropical: a Ilha de Moçambique como porta de entrada da medicina europeia no Oceano Índico (1498–1898)

Between the eastern route and tropical medicine: the Island of Mozambique as a gateway of European medicine in the Indian Ocean (1498–1898)

Entre la route de l'Orient et la médecine tropicale : l'île de Mozambique comme porte d'entrée de la médecine européenne dans l'océan Indien (1498–1898)

João Schwalbach¹

(1) Médico e fotógrafo. E-mail: jflschwalbach@gmail.com

Resumo

O presente estudo analisa a ilha de Moçambique como um espaço privilegiado de confluência entre rotas comerciais, culturas e saberes médicos ao longo de quatro séculos (1498-1898). A partir da chegada de Vasco da Gama e da progressiva afirmação portuguesa no Índico, a ilha emerge como um ponto estratégico não apenas para o comércio, mas também como porta de entrada da medicina europeia na África Oriental. O estudo contextualiza a realidade pré-colonial, marcada por sistemas de cura locais assentes em práticas comunitárias, saberes islâmicos e medicina tradicional africana. Com a presença portuguesa, assiste-se à introdução de estruturas formais de assistência, nomeadamente hospitais associados a fortalezas e instituições religiosas, que procuravam responder às necessidades de navegadores, militares e missionários. O artigo descreve a evolução atribulada do hospital da ilha desde o século XVI, evidenciando ciclos de construção, destruição e reorganização, bem como o papel de diferentes agentes, como a Misericórdia e os Irmãos de São João de Deus, na gestão da assistência. Ao longo do tempo, estas instituições foram-se transformando, passando de espaços de acolhimento a unidades progressivamente medicalizadas, em linha com reformas europeias. Destaca-se ainda a crescente abrangência dos serviços de saúde, que passaram a atender não apenas militares, mas também civis, populações locais e comunidades diversas do mundo índico, refletindo a complexidade social e cultural da região. Assim, a ilha de Moçambique é apresentada como um laboratório histórico de circulação de práticas médicas, onde se cruzam e interagem saberes europeus, africanos e asiáticos, revelando a medicina como parte integrante dos processos de expansão, dominação e intercâmbio cultural no contexto colonial.

Palavras-chave: Ilha de Moçambique, medicina colonial, hospitais históricos, assistência hospitalar, circulação de saberes médicos.

Abstract

This study analyses the Island of Mozambique as a privileged space of convergence between trade routes, cultures, and medical knowledge over four centuries (1498–1898). Following the arrival of Vasco da Gama and the progressive consolidation of Portuguese presence in the Indian Ocean, the island emerged as a strategic hub not only for commerce but also as a gateway for the introduction of European medicine into Eastern Africa. The study contextualizes the pre-colonial setting, characterized by local healing systems rooted in community practices, Islamic medical knowledge, and African traditional medicine, highlighting the therapeutic plurality that existed prior to colonial institutionalization. With the establishment of Portuguese rule, formal healthcare structures were gradually introduced, including hospitals associated with fortresses and religious institutions, designed to meet the needs of sailors, military personnel, and missionaries. The analysis further examines the complex evolution of the island's hospital from the sixteenth century onwards, marked by cycles of construction, destruction, and reorganization, as well as by the role of institutional actors such as the Misericórdia and the Brothers of Saint John of God in the organization and management of healthcare. Over time, these institutions evolved from charitable spaces into increasingly medicalized units, in line with broader European sanitary and epistemological reforms. Moreover, the study highlights the progressive expansion of healthcare services, which came to include not

only military populations but also civilians, local communities, and diverse groups within the Indian Ocean world, reflecting the region's social, cultural, and epidemiological complexity. In this context, the Island of Mozambique is interpreted as a historical laboratory of circulation and interaction of medical practices, where European, African, and Asian knowledge systems intersected. Medicine is thus understood not merely as a form of care, but as an integral component of processes of expansion, domination, and cultural exchange in the colonial context.

Keywords: Island of Mozambique, colonial medicine, historical hospitals, hospital care, circulation of medical knowledge.

Resumé

La présente étude analyse l'île de Mozambique comme un espace privilégié de confluence entre routes commerciales, cultures et savoirs médicaux sur une période de quatre siècles (1498–1898). À la suite de l'arrivée de Vasco da Gama et de la consolidation progressive de la présence portugaise dans l'océan Indien, l'île s'affirme comme un point stratégique non seulement pour le commerce, mais également comme une porte d'entrée de la médecine européenne en Afrique orientale.

L'étude contextualise la réalité précoloniale, caractérisée par des systèmes de soins locaux fondés sur des pratiques communautaires, des savoirs médicaux islamiques et la médecine traditionnelle africaine, mettant en évidence la pluralité thérapeutique existant avant l'institutionnalisation coloniale. Avec la présence portugaise, des structures formelles de soins sont progressivement introduites, notamment des hôpitaux associés aux forteresses et aux institutions religieuses, destinés à répondre aux besoins des navigateurs, des militaires et des missionnaires.

L'analyse met également en lumière l'évolution complexe de l'hôpital de l'île à partir du XVI^e siècle, marquée par des cycles de construction, de destruction et de réorganisation, ainsi que par le rôle d'acteurs institutionnels tels que la Misericórdia et les Frères de Saint-Jean-de-Dieu dans l'organisation et la gestion des soins. Au fil du temps, ces structures se transforment progressivement, passant d'espaces d'accueil caritatif à des unités de plus en plus médicalisées, en cohérence avec les réformes sanitaires et épistémologiques européennes.

Par ailleurs, l'étude souligne l'élargissement progressif de l'accès aux services de santé, qui en viennent à inclure non seulement les populations militaires, mais aussi les civils, les communautés locales et divers groupes du monde de l'océan Indien, reflétant la complexité sociale, culturelle et épidémiologique de la région.

Dans ce contexte, l'île de Mozambique apparaît comme un véritable laboratoire historique de circulation et d'interaction des pratiques médicales, où se croisent et s'influencent des savoirs européens, africains et asiatiques. La médecine est ainsi appréhendée non seulement comme une pratique de soins, mais comme une composante essentielle des processus d'expansion, de domination et d'échanges culturels dans le contexte colonial.

Mots-clés: Île de Mozambique, médecine coloniale, hôpitaux historiques, assistance hospitalière, circulation des savoirs médicaux.

Introdução

A Ilha de Moçambique, situada na costa norte do país homónimo, foi durante séculos um entreposto vital no corredor do Índico. De acordo com José Luís Cabaço, em 1498, com a chegada da armada de Vasco da Gama, estabelecem-se os primeiros contactos formais entre europeus e populações africanas e árabes da região [1]. Com sua posição geográfica estratégica e a presença de populações suahili e árabes já envolvidas no comércio do ouro, marfim e prata com o Império dos Muenemotapas, a Ilha rapidamente se tornaria uma escala essencial nas rotas marítimas do Oriente e, posteriormente, sede de iniciativas missionárias e médicas coloniais [2]. Igualmente, segundo Cabaço, os primeiros contactos ocorreram na costa sul de Moçambique, entre Inharrim e Inhambane, quando embarcações portuguesas surpreenderam os habitantes locais. O acolhimento pacífico e a troca de bens marcam um momento fundacional das relações entre África e Europa na era moderna [1].

Antes da chegada dos portugueses em 1507, a Ilha integrava-se na rede comercial e cultural árabe-swahili, onde o cuidado à saúde se baseava em sistemas comunitários de cura e em práticas tradicionais enraizadas em saberes islâmicos e africanos [3]. Neste contexto, os cuidados eram prestados por curandeiros locais,

muitas vezes associados a lideranças religiosas, com uso de plantas medicinais e rituais de cura espiritual. A presença portuguesa institucionaliza-se em 1502 com a fundação de uma feitoria na Ilha, confirmada como domínio pleno da Coroa em 1508. A elevação da Ilha à categoria de vila em 1761 e de cidade em 1818 consolidou o seu estatuto como capital da colónia até 1898 [4].

A Ilha tem 3 km de comprimento, com 350m na parte mais estreita e 500 m na parte mais larga e é caracterizada por possuir construções e habitações que datam de diferentes épocas históricas, com algumas construções que remontam do século XVI. Uma grande parte da cidade foi construída nos séculos XVII, XVIII e XIX [2]. Pelo reconhecimento do seu valor histórico, cultural e arquitetónico, a Ilha de Moçambique foi declarada pela UNESCO, em dezembro de 1991, património cultural mundial da humanidade.

A saúde e a medicina nas rotas dos descobrimentos

A expansão marítima europeia foi acompanhada por múltiplas iniciativas assistenciais. De acordo com Luís Dória, os hospitais nas feitorias e fortalezas eram espaços de repouso, tratamento e acolhimento de doentes [5]. Como ainda afirma Luís Dória, a fortaleza da Ilha de Moçambique foi mandada construir em 1507 e na mesma disposição está a incumbência de se edificar um hospital para os doentes que chegavam do Reino. Do Reino seguiu também o projeto das construções, entre elas do hospital, em casa grande com varanda por trás, residência separada para o enfermeiro e uma outra para a botica, além dos aposentos para o mestre. (...) Poucos anos depois estava em ruína, como o encontrou António da Silveira que se propôs reorganizá-lo, mas foi só em 1537, quando Aleixo de Sousa Chichorro foi colocado na capitania de Moçambique, que o hospital alcançou mais notoriedade. (...). Mandou reedificar a fortaleza e compor o hospital, gastando tudo do seu bolso, e morreu pobre. Na opinião de Simão Botelho o hospital ocupou primeiro umas casas alugadas e só em 1545 alcançou edifício próprio. Talvez nessa altura já estivesse sob administração da Misericórdia, desde 1542. A existência do hospital da Ilha de Moçambique foi atribulada. (...) Em 1607 os bombardeamentos dos holandeses danificaram profundamente o hospital da Ilha de Moçambique [5]. Na Figura 1 que se apresenta em seguida, mostra-se um dos documentos mais antigos (arquivado na Sociedade

de Geografia de Lisboa) que indica o local primitivo do Hospital da Ilha de Moçambique.



Figura 1: Localização do Hospital da Ilha de Moçambique, mais primitivo (Sociedade de Geografia de Lisboa - documento dos mais antigos)

Na sua génese e evolução, o hospital da Ilha, inicialmente edificado no século XVI, passou por diversas fases de construção, ruína e reorganização. Sabe-se que a Hospedaria dos Jesuítas, construída em 1624 pelos jesuítas para receber missionários doentes ou os que passavam pela Ilha com destino à Índia ou a Lisboa, situava-se por detrás do Convento dos Jesuítas, este por sua vez reconstruído mais tarde e aumentado (1766, sete anos após a expulsão dos jesuítas de Moçambique) para ser convertido em residência e sede do governo (Figura 2): Palácio do Governo ou Palácio de S. Paulo [4].



Figura 2: Palácio do Governo ou Palácio de S. Paulo, atualmente, vendo-se a estátua de Vasco da Gama

De resto, é também conhecida a longa relação entre a Misericórdia e a assistência hospitalar da Ilha. Afinal, mesmo antes da construção, já em meados do século XVIII, do seu próprio hospital, aquele cujas dependências viriam a dar lugar ao Museu de Arte Sacra, a Misericórdia administrou, entre 1564 e 1629, o Hospital Real de São João de Deus [6].

Também se sabe que, Baltazar Manuel Pereira do Lago, que foi Capitão-General de Moçambique de 1765 a 1779, construiu o Hospital da Misericórdia (Figura 3) com doze camas para doentes pobres (hoje o Museu de Arte Sacra) [6].



Figura 3: Hospital da Misericórdia (hoje Museu de Arte Sacra)

De acordo com Rodrigues, durante o século XVIII, o hospital passa a ser conhecido por diferentes nomes e a sua função expandiu-se para além da assistência aos militares. A construção definitiva do edifício atual ocorreu em 1877, em estilo Schinkel, por uma equipa vinda de Portugal. Tratava-se então do principal hospital da costa oriental africana [7].

O antigo Hospital da Misericórdia, transformado em Museu de Arte Sacra, preserva elementos essenciais da história da medicina colonial portuguesa e do intercâmbio cultural e terapêutico na região [2].

Entre 1640 e 1834, os Irmãos de S. João de Deus administraram os hospitais militares portugueses, incluindo o da Ilha de Moçambique, que ao longo do tempo teve várias designações (Figuras 4 a 7). Em 1789, com o encerramento do Hospital da Misericórdia, o Hospital Real passou a atender também civis e escravizados, aumentando a sua abrangência. Durante o século XVIII, ocorreu a “medicalização” dos hospitais, com maior profissionalização do pessoal de saúde, transformando-os de espaços assistenciais em instituições de tratamento médico, alinhadas com as

reformas europeias, apesar de limitações existentes [8]. No início do século XIX, o Real Hospital da Ilha de Moçambique era uma instituição civil e militar ao serviço de uma vasta e diversa população da colónia, abrangendo a ilha, o litoral e regiões do interior. Atendia africanos (sobretudo macuas e suaílis), europeus e comunidades do Índico, como goeses, indo-portugueses e banéanes, refletindo a diversidade étnica e cultural do território [7].



Figura 4: Localização do Hospital da Misericórdia: Planta desenhada por Manuel Godinho de Erédia (livro “Plataformas das Fortalezas da Índia”, Goa 1622-1640)

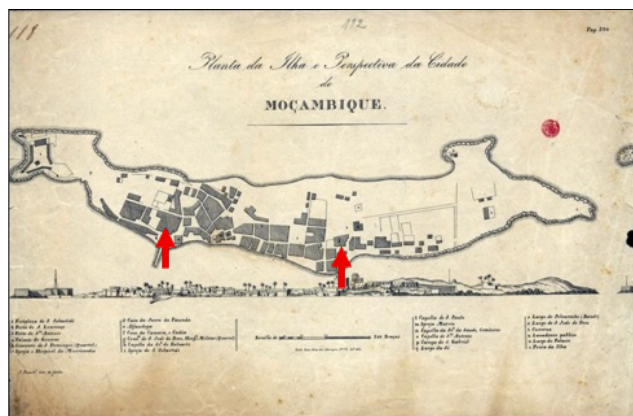


Figura 5: Mapa da Ilha do século XIX (1835) que mostra a Igreja e o Hospital da Misericórdia (c) e o Hospital São João de Deus, Hospital Militar (g)

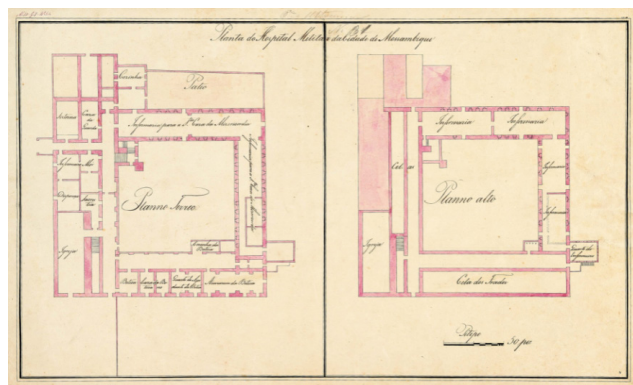


Figura 6: Planta do Hospital Militar da Cidade de Moçambique, assinada pelo Marquês de Sá da Bandeira em Dez. de 1866

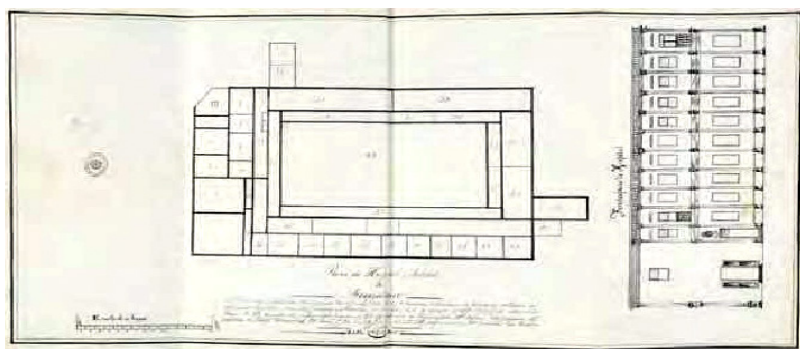


Figura 7: Plano do Hospital Militar de Moçambique, 1847 (Arquivo Histórico Ultramarino, Secretaria de Estado da Marinha e Ultramar, 5ª Repartição, Direcção Geral do Ultramar, nº 1507)

Existem referências que, a Igreja de Nossa Senhora da Saúde (Figura 8), foi fundada por frades capuchinhos em 1633 e reconstruída em 1801 recebendo a sua fachada neoclássica, serviu como Hospital de mutilados durante a Primeira Guerra Mundial [4].



Figura 8: Igreja de Nossa Senhora da Saúde



Figura 9: Vista frontal de maquete do Hospital de Moçambique, existente no Instituto de Medicina Tropical de Lisboa, Portugal



Figura 10: Vista global da maquete do Hospital de Moçambique, existente no Instituto de Medicina Tropical de Lisboa, Portugal

O Hospital atual foi na verdade construído em 1877 (por uma equipa das obras públicas vinda de Portugal) no local do primeiro Hospital Convento de São João de Deus. Ele foi modificado em 1880 e, em seguida, feito de diferentes pavilhões localizados longe uns dos outros para evitar o risco de propagação de infeções (Figuras 9 e 10). O Hospital é um complexo imponente, simétrico, construído em estilo clássico de Schinkel, como já referido. Este edifício impressionante foi no final

do século XIX, o maior e mais prestigioso hospital na África Oriental, e afetou profundamente a memória local. O Hospital foi novamente reabilitado entre 1994 e 1995 [9].

Atualmente, as instalações do Hospital de Moçambique encontram-se na quase totalidade deterioradas (Figura 11), abandonadas ou mal aproveitadas, sendo muito difícil a sua manutenção e conservação, embora aí funcione um Centro de Saúde com internamento, que ocupa um reduzido espaço em partes do seu edifício, prestando, também por isso, um serviço em condições físicas desconfortáveis, deprimentes e impróprias.

O Centro de Saúde da Ilha de Moçambique (Sede) que, como afirmámos, funciona no imponente edifício que foi o Hospital de Moçambique (Figura 12 e 13) serve como Unidade de referência para todos os restantes Centros de Saúde do Distrito (em número de quatro) que, no seu conjunto, prestam os Cuidados de Saúde aos habitantes do respetivo Distrito. O Centro de Saúde Sede, por sua vez, utiliza como Unidade de referência do Nível Secundário os Hospitais Distritais de Monapo e de Nacala que distam respetivamente cerca de 56 Km e 118 Km por estrada asfaltada ou, diretamente, o Hospital Central de Nampula (Nível Terciário e Quaternário) que dista cerca de 180 km por estrada igualmente asfaltada [10].

Em síntese, a evolução dos hospitais da Ilha de Moçambique traduz a articulação entre a medicina europeia e os sistemas tradicionais africanos e islâmicos, num contexto marcado por dinâmicas coloniais, culturais e económicas. Ao longo dos séculos, estas instituições assumiram funções assistenciais, sanitárias e políticas, refletindo simultaneamente processos de adaptação e desigualdade no acesso aos cuidados de saúde, bem como a coexistência de diferentes saberes terapêuticos.



Figura 11: A degradação do edifício do Hospital de Moçambique (a funcionar actualmente como Centro de Saúde com internamento)



Figura 12: Hospital de Moçambique em 1906

Por outro lado, o percurso das infraestruturas hospitalares, desde estruturas rudimentares até ao hospital do século XIX, evidencia avanços importantes, ainda que condicionados por limitações estruturais persistentes. Hoje, este legado constitui não apenas um testemunho histórico, mas também uma oportunidade para valorizar o património e repensar modelos de cuidado mais integrados, humanizados e contextualizados, reforçando o papel da Ilha de Moçambique na história e no futuro da saúde na região.



Figura 13: Parte da fachada do Hospital de Moçambique (vista recente)

Declaração de conflitos de interesse

O autor declara que não existem conflitos de interesse relacionados com o presente artigo.

Bibliografia

1. Cabaço JL de O. *Moçambique: identidades, colonialismo e libertação*. Tese de doutoramento. São Paulo (Brasil): Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2007.
2. Schwalbach J, Reyes de la Maza MC, et al. *Ilha de Moçambique - contribuição para um perfil sanitário*. Porto (Portugal): Húmus Editora; 2009.
3. Bonate L. *Islam in northern Mozambique: a historical overview*. Hist Compass. 2010;8(7):573–593.

4. República Popular de Moçambique. *Monografia dos principais edifícios e monumentos da Ilha de Moçambique*. Maputo (Moçambique): s/d.
5. Dória JL. *Hospitais nas rotas dos descobrimentos*. Lisboa (Portugal): Instituto de Higiene e Medicina Tropical, Universidade Nova de Lisboa; 2015.
6. Mariz V. *De hospital da Misericórdia a museu de arte sacra da Ilha de Moçambique (séc. XVI–1969)*. ARTis ON. 2016;(3).
7. Rodrigues E. *Moçambique e o Índico: a circulação de saberes e práticas de cura*. MÉTIS: história & cultura. 2011;10(19):15–41.
8. Donato L. *A cidade portuguesa nas províncias ultramarinas: uma análise iconográfica comparativa. Ilha de Moçambique, Goa, Salvador, Macau, Luanda. Brasília (Brasil): Faculdade de Arquitectura e Urbanização, Universidade de Brasília; 2009.*
9. Roque AC, coord. *Moçambique: ciência, saberes e património através das coleções do Instituto de Investigação Científica Tropical*. Lisboa (Portugal): Instituto de Investigação Científica Tropical; 2012.
10. Schwalbach J. *Caracterização sanitária do distrito da Ilha de Moçambique para o projeto da construção do seu hospital distrital*. Maputo (Moçambique): 2016. (Documento não publicado).